



DIAGNÓSTICO “FLANELINHA”

Juiz de Fora, 07 de outubro 2010

CUSTÓDIO MATTOS
PREFEITO DE JUIZ DE FORA

SILVANA BARBOSA
SECRETÁRIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

FLÁVIA BRAZ
SUBSECRETÁRIA DE GESTÃO DO SISTEMA ÚNICO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Equipe de Coleta de Dados

1.	Gilmara Pressato	15.	Raissa Izola Duarte
2.	Rachel Alvim	16.	Maria Isabel Freire de Souza
3.	Rosemeire Moraes	17.	Joana D'arc S. Talha
4.	Maria Penha Daniel	18.	Valeska Aragão
5.	Marize Marangon de Oliveira	19.	Josimar de Paula Marques
6.	Raphael Basílio	20.	Álvaro Augusto José de Freitas
7.	Lucas Andrade do Nascimento	21.	Leonardo Neves
8.	Vinicius Menezes Pinto	22.	Lisangela Kátia Almeida
9.	Marcelo dos Santos	23.	Rita de Cássia T. Fajardo
10.	Stephania Lacerda	24.	Bernardo Guelber
11.	Leonardo Alves	25.	Fernanda Guimarães de Faria
12.	Lucas Fernando F. Cardoso	26.	Jose Cezario Zancanella
13.	Larissa Jorge Silva	27.	Flavia Braz
14.	Maria Isabel G. Souza	28.	Carla Salomão

Equipe Análise dos Dados/ Digitação

1.	Raphael Nunes Batitucci	6.	Meirijane Teodoro
2.	Haroldo de Aquino Coimbra	7.	Eduardo Oliveira Santos
3.	Felipe Barros de Faria	8.	Rita de Cássia T. Fajardo
4.	Josimar Delgado Pinto	9.	Letícia Paixão Fayer
5.	Poliana Reis Ferreira	10.	Rachel Alvim

Equipe da Elaboração do Relatório

1.	Bernardo Guelber	3.	Luciana Carvalho
2.	Flávia Braz	4.	Roberta Abramo

Despertar consciências, iluminar caminhos e mobilizar toda a sociedade para a condição das pessoas que se encontram em situação de rua, sejam como moradores ou exercendo atividades no mercado informal. Debater esta questão é de suma importância para que possamos chegar a soluções reais para um problema que não pode ser negado.

A realidade nos mostra que há uma crescente tendência de exclusão de jovens que atingem a idade de ingresso no mercado de trabalho e, também, de adultos que se aproximam dos 40 anos. A falta de emprego acarreta aumento de pessoas no mercado informal. Deste modo, são necessárias iniciativas públicas imediatas para o enfrentamento dessa situação.

Esta pesquisa visa a analisar e, principalmente, conhecer os homens e as mulheres que, por motivos diversos, exercem atividades informais em vários locais da cidade. Com este conhecimento detalhado, a Prefeitura de Juiz de Fora, por meio da Secretaria de Assistência Social, pode mensurar a situação atual para traçar novas medidas e condutas, fundamentar políticas públicas de direitos para essa população.

SILVANA BARBOSA
SECRETÁRIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas do século XX, aconteceram mudanças que transformaram o cenário brasileiro em termos econômicos. Especificamente nessa área, houve a expansão do que muitos especialistas têm apontado como mercado de trabalho informal.

A análise desse setor da economia teve início em função da dificuldade do mercado em absorver o excedente da força de trabalho, o que resulta em vários tipos de atividades informais, como os flanelinhas, personagens principais deste estudo.

Com a conjuntura econômica do município, os guardadores clandestinos ou flanelinhas são trabalhadores informais que prestam pequenos serviços aos motoristas que estacionam seus carros, indicando vagas para estacionamento, auxiliando nas manobras ou vigiando os carros estacionados.

Nosso estudo toma como objetivo relatar de forma sucinta – considerando que se trata de uma questão abrangente e complexa – a situação dos flanelinhas na cidade de Juiz de Fora. Tentaremos traçar um esboço sobre a relação do trabalho informal com a condição dos mesmos, diagnosticando, através da pesquisa “Flanelinhas”, a realidade com relação a situação da saúde, convivência familiar e moradia; hábitos, costumes e atividade ocupacional, podendo desta forma traçar um perfil dos entrevistados.

A metodologia de trabalho para a realização da pesquisa foi direcionada a partir dos parâmetros indicados pelo Ministério do Desenvolvimento Social, para realização do CAD Único, o Diagnóstico da População de Rua de Juiz de Fora - 2007 e a Resolução 196/96, do Conselho de Saúde, que trata das Diretrizes e Normas Regulamentadoras sobre Pesquisa envolvendo Seres Humanos.

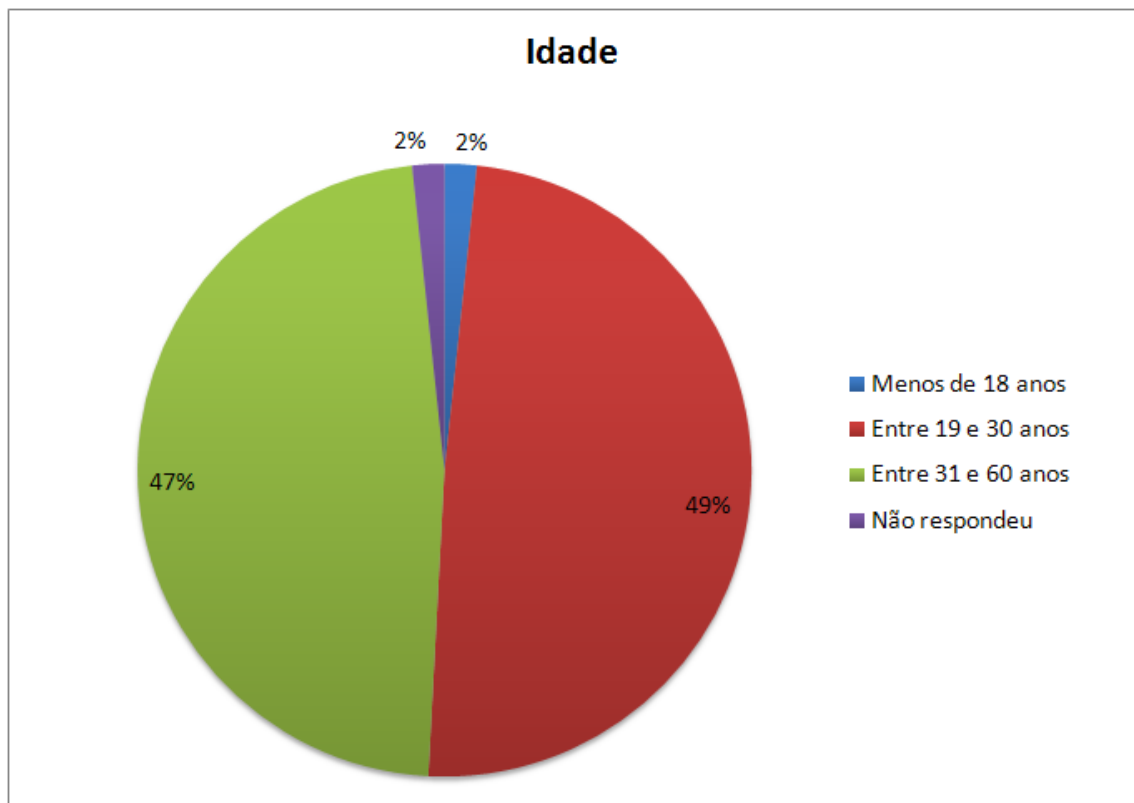
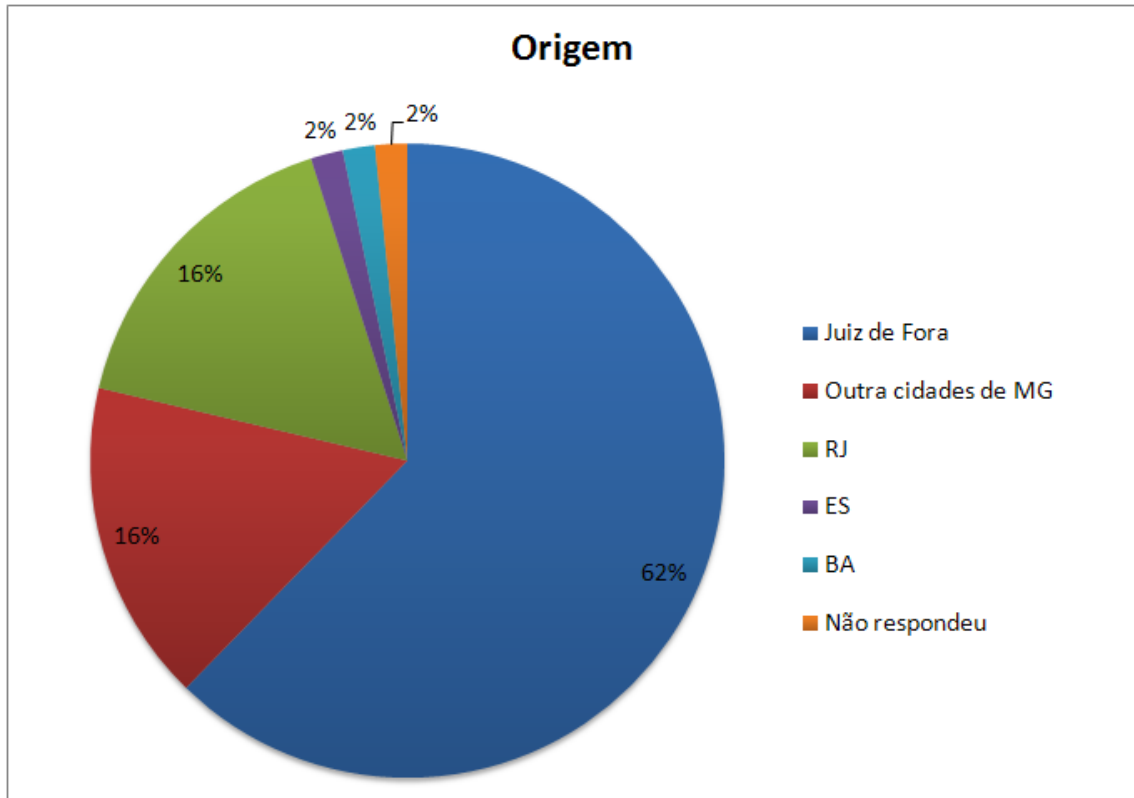
Segundo o artigo de Oneir Vitor Oliveira Guedes, graduado em direito pela UFJF, “a atividade de guardador de veículos no Brasil teve origem no governo de Getulio Vargas com o objetivo de dar emprego aos ex-combatentes (pracinhas) que retornavam ao país sem qualquer ocupação”. Como aponta Guedes, tal medida não considerava as implicações negativas oriundas deste novo ofício que a longo prazo, além de não atingir seu objetivo inicial, abre margens para toda sorte de desempregados.

A realidade nos mostra que há uma tendência cada vez mais crescente de exclusão de jovens que atingem a idade de ingresso no mercado de trabalho e também de adultos que se aproximam dos 40 anos. Estes acabam muitas vezes engrossando as fileiras dos trabalhos precários, dos desempregados, que se vêem sem perspectiva de trabalho.

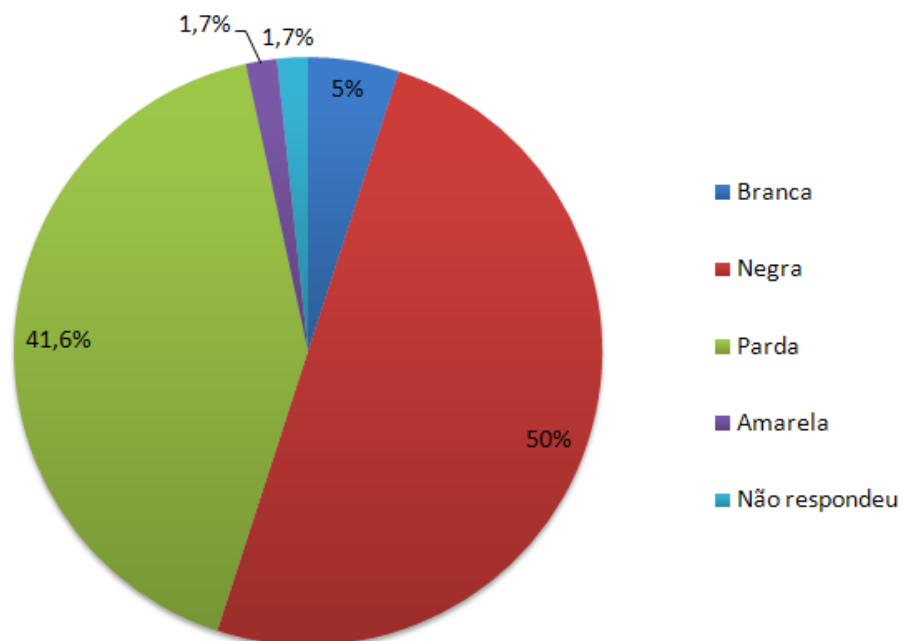
Em Juiz de Fora, o grupo que se reúne na Câmara Municipal priorizou o conhecimento da realidade dos flanelinhas, de acordo com o registro na ata do dia 23 de junho de 2010. Baseado nisso a Secretaria de Assistência Social assumiu o compromisso de realizar a pesquisa sobre o assunto visando um retrato da realidade apresentada por esta atividade.

Foi desenvolvido um levantamento nos dias 16, 17, 18, 22, 23 e 26 de setembro que identificou sessenta e um (61) flanelinhas que trabalham nos bairros: Alto dos Passos, Centro, Costa Carvalho, Ladeira, São Mateus, Morro da Glória, Jardim Glória, Vitorino Braga, Barbosa Lage, Manoel Honório, Mariano Procópio, Cruzeiro do Sul, Granbery e Santa Catarina ,abrangendo 35 locais. O mesmo contou com uma equipe de 28 (vinte e oito) profissionais que atuaram na coleta dos dados; 2 (dois) na digitação, 8 (oito) na análise e 2 (dois) na elaboração do relatório final.

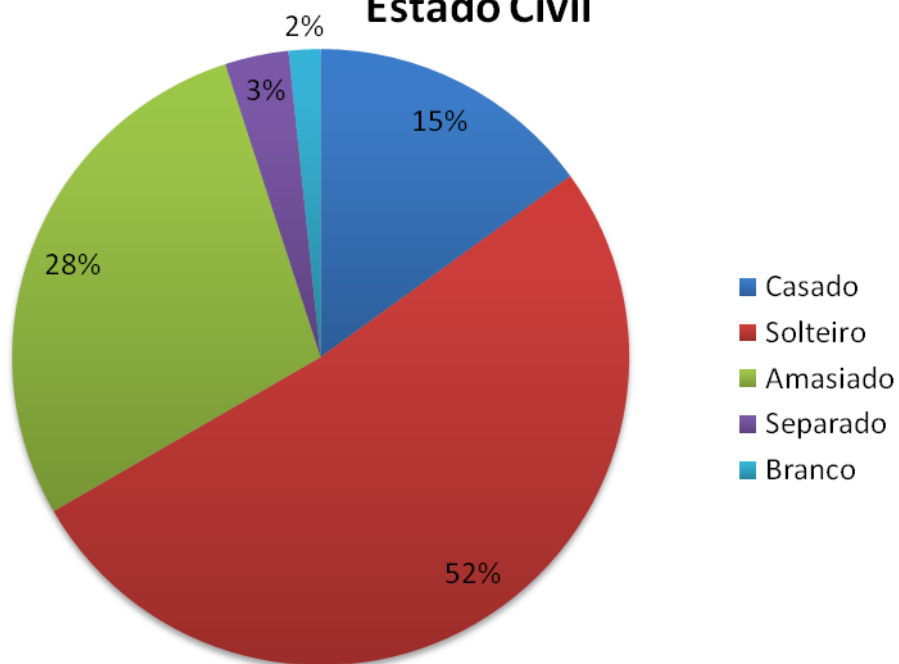
PERFIL



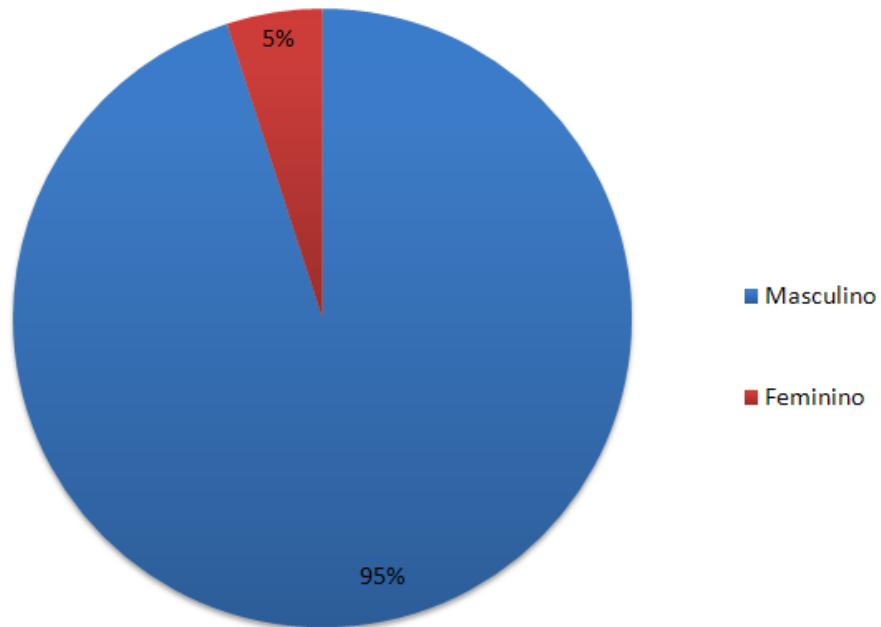
Raça



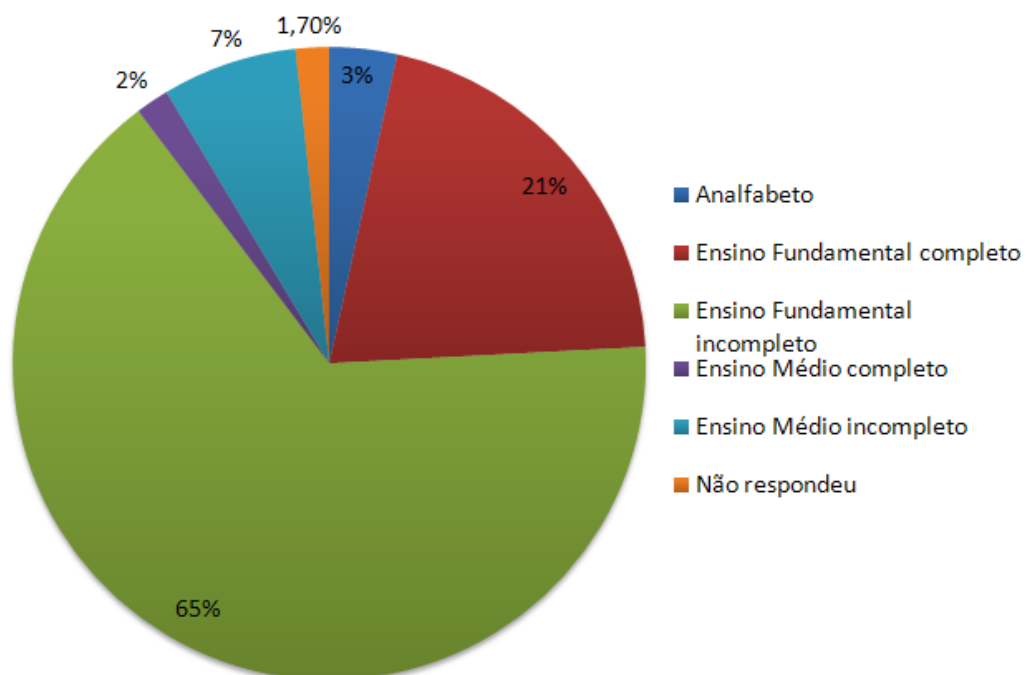
Estado Civil



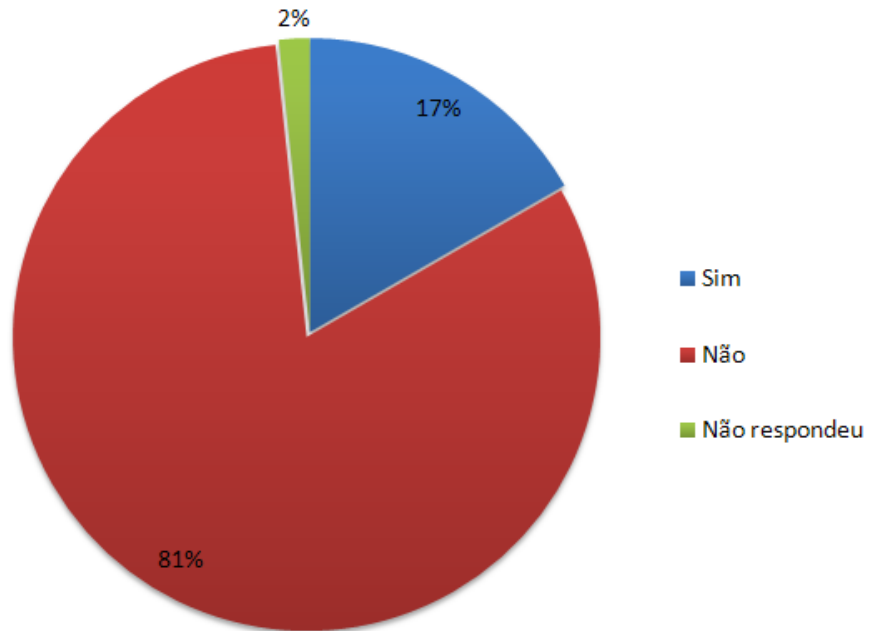
Sexo



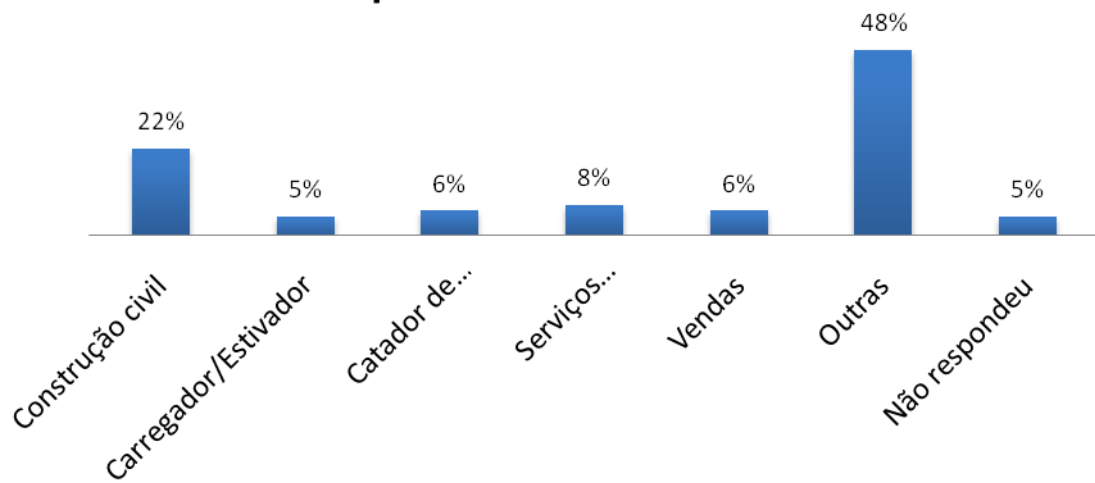
Escolaridade

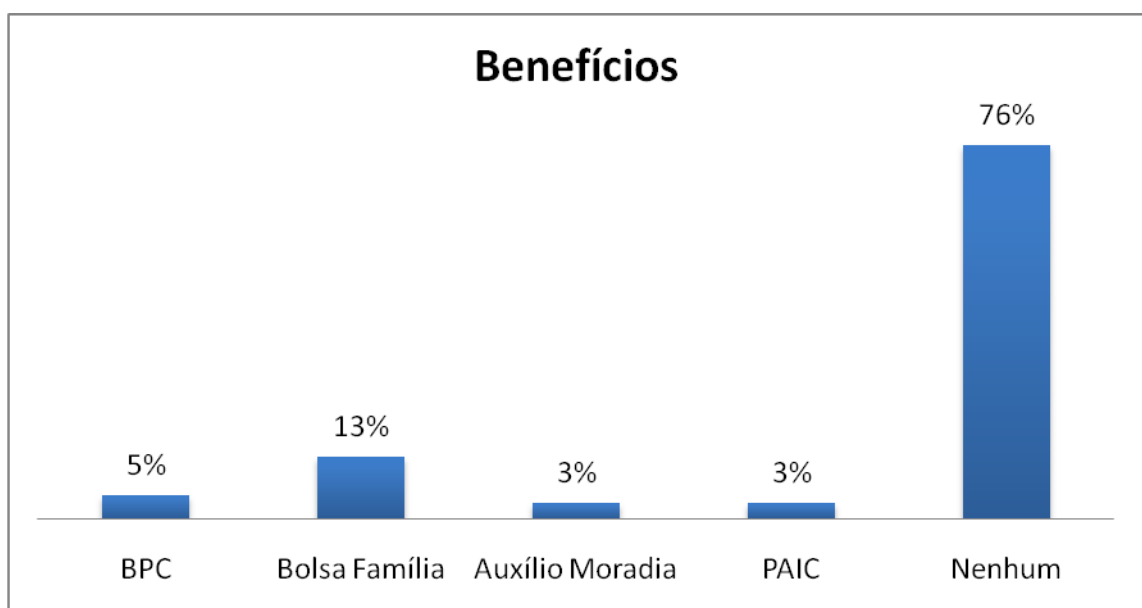
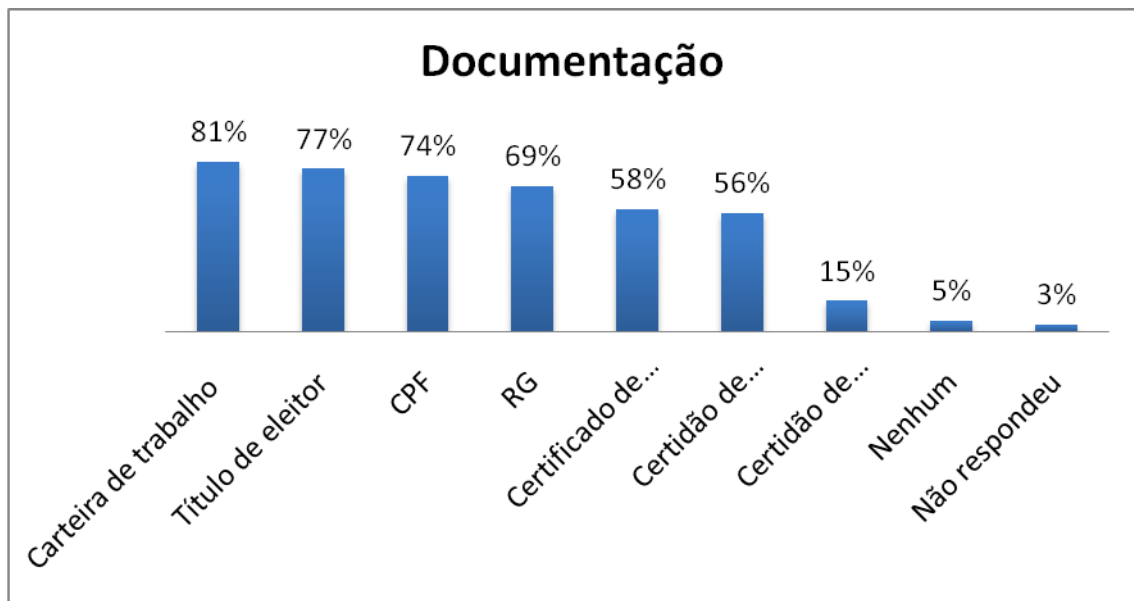


Deficiência

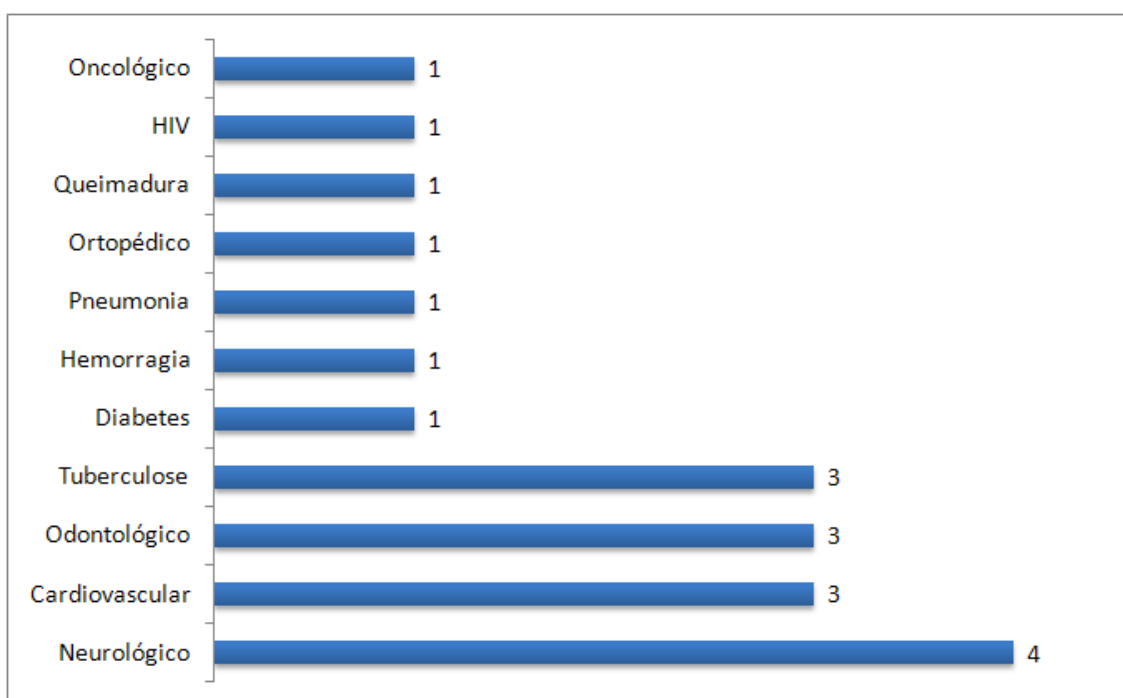
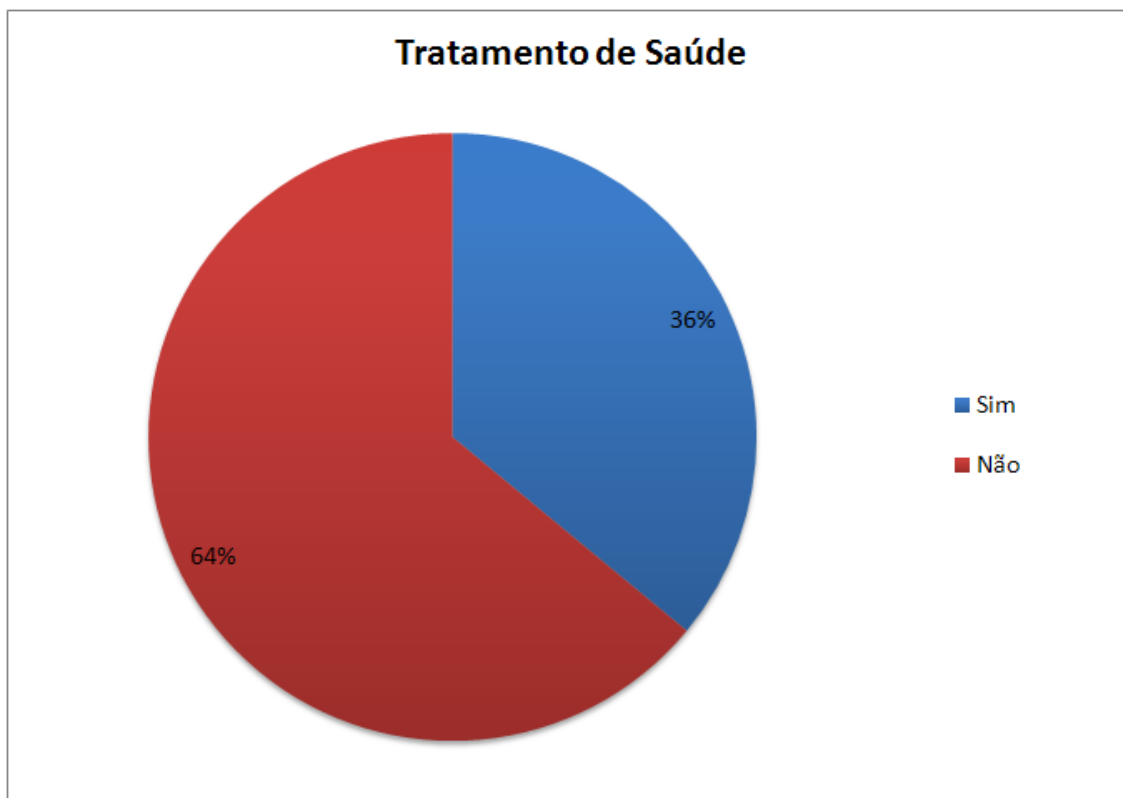


Experiência Profissional

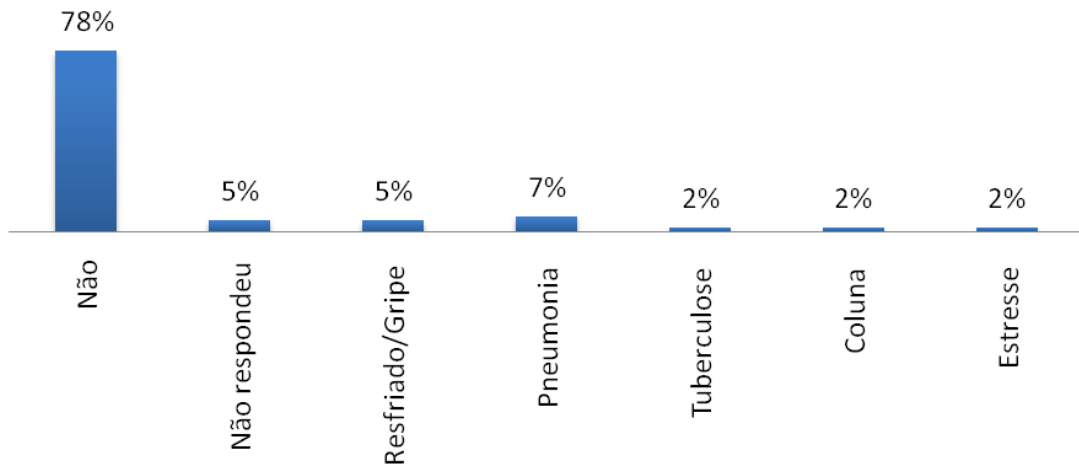




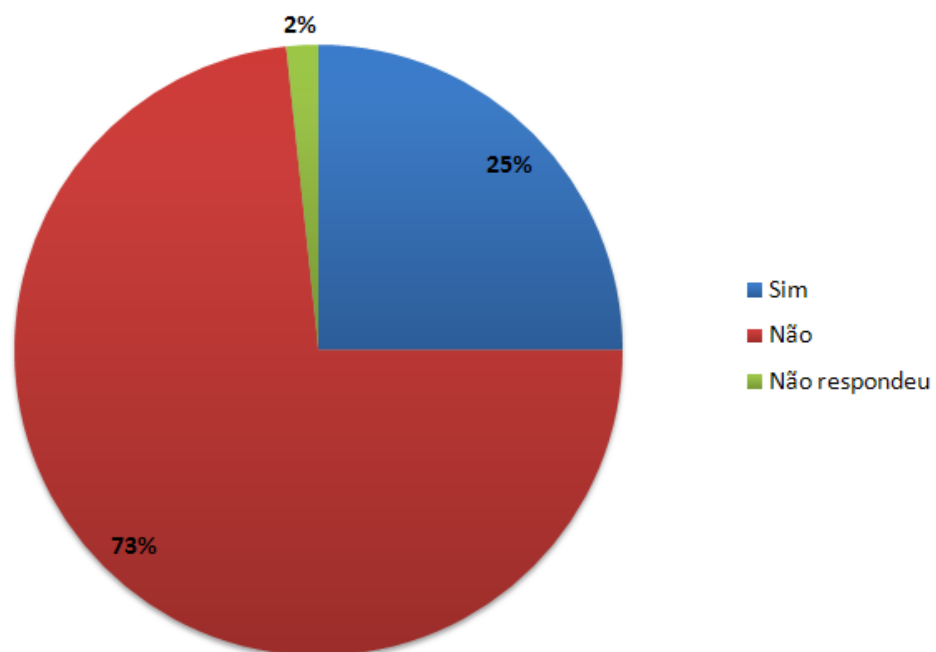
SAÚDE



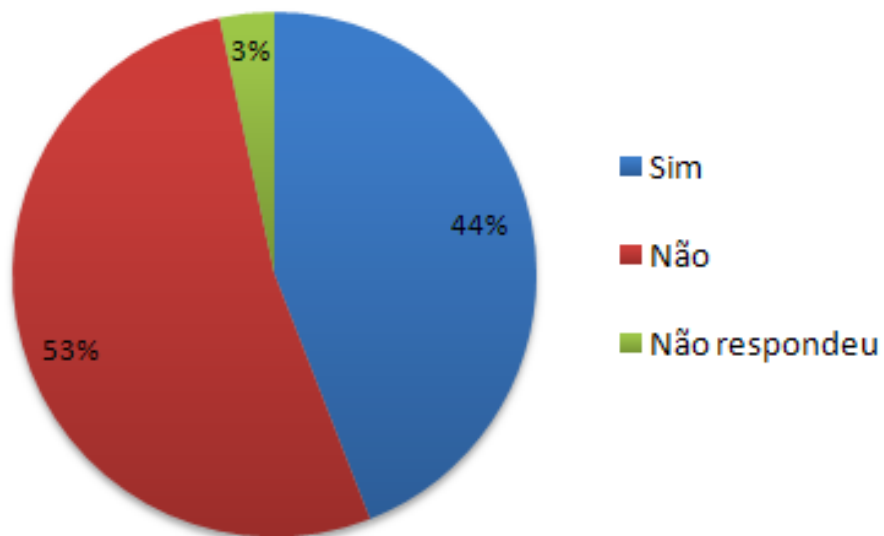
Doenças decorrentes da atividade



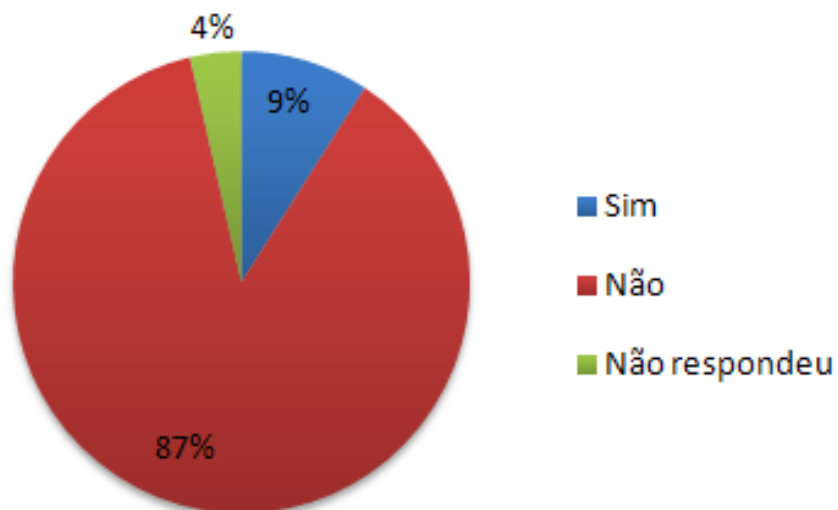
Uso de medicamentos

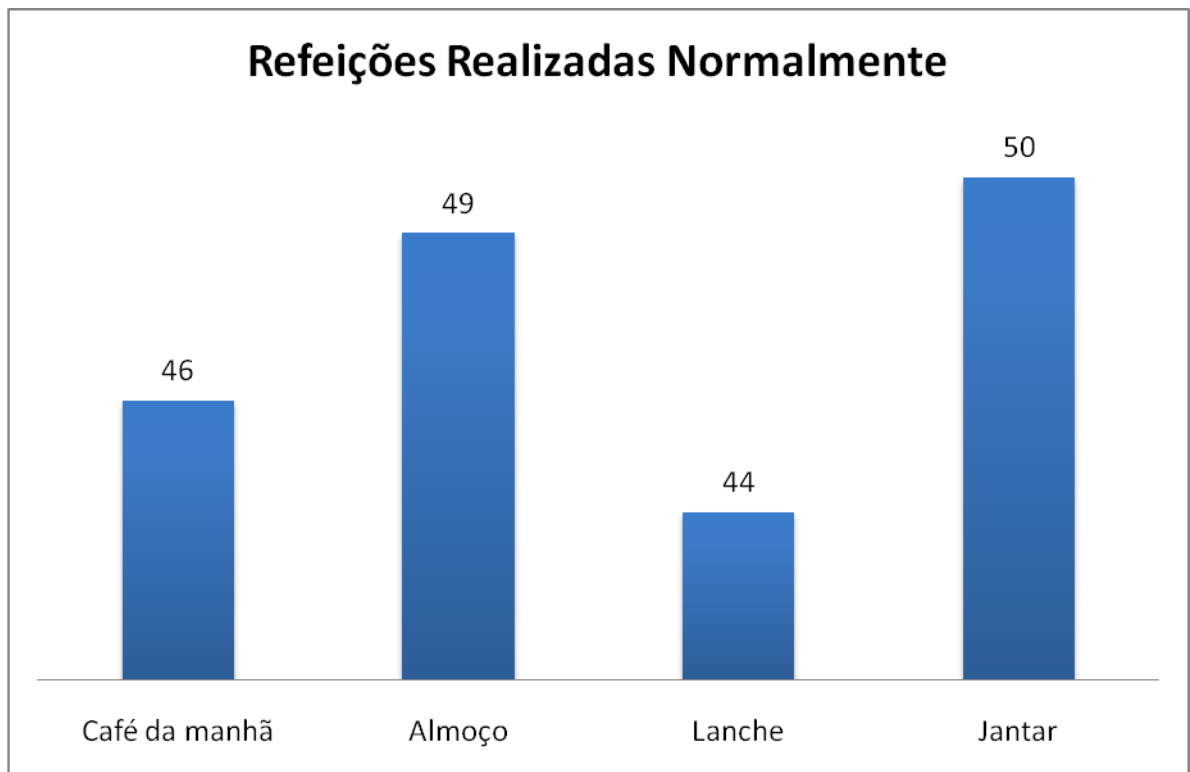


Uso de Bebidas Alcoólicas



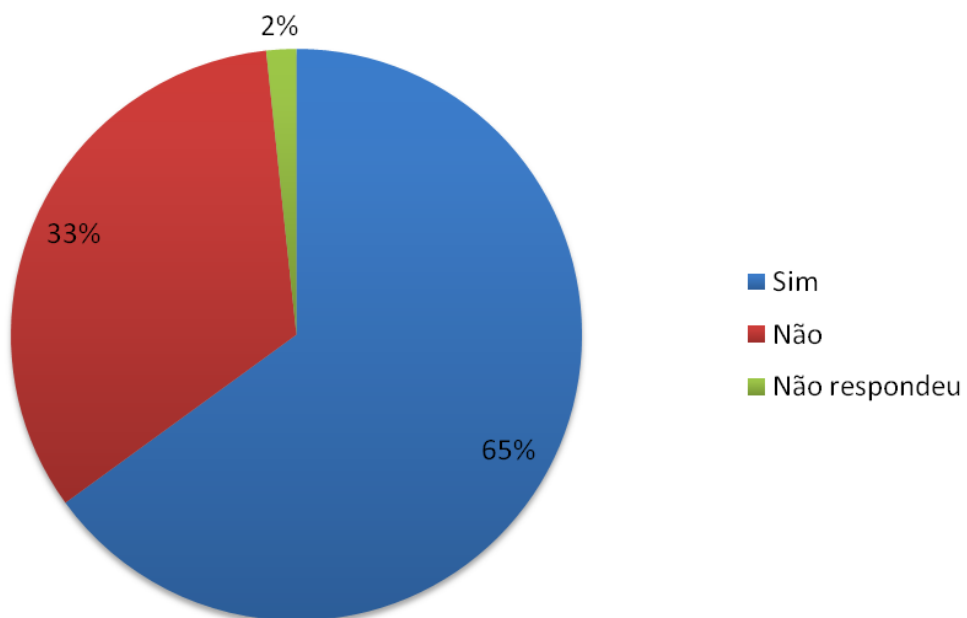
Uso de Entorpecente



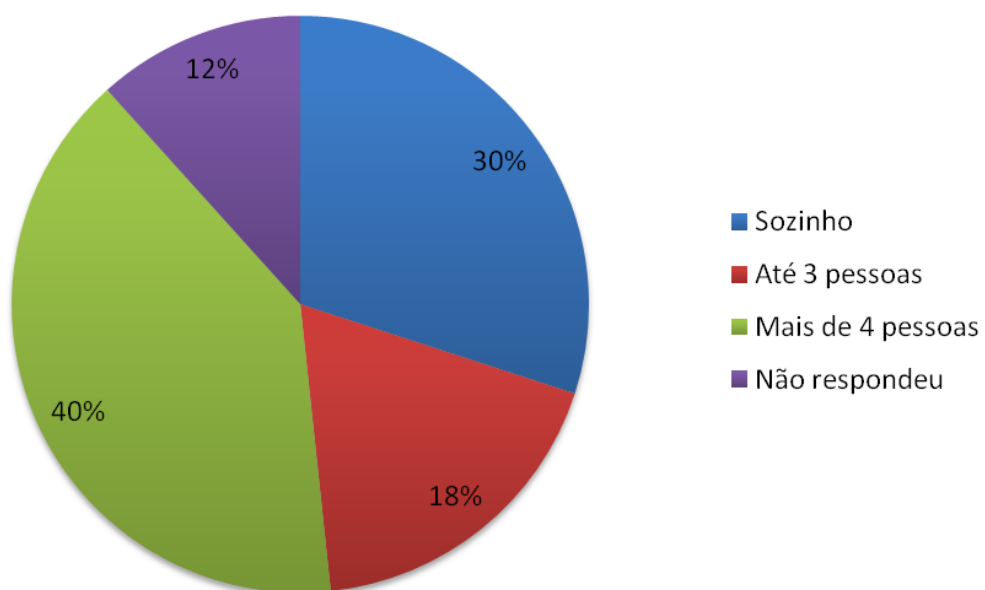


SITUAÇÃO FAMILIAR

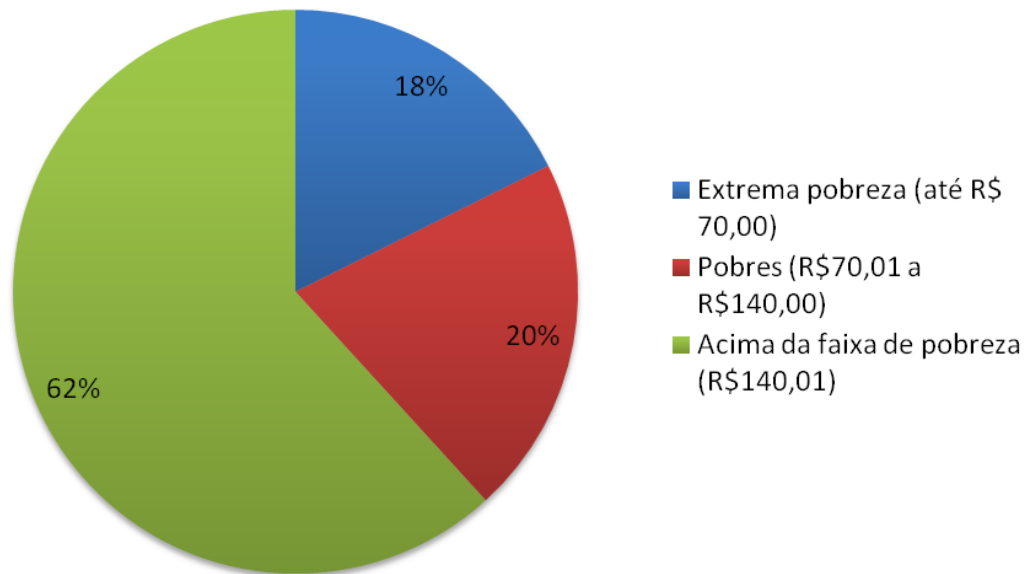
Vive com a família?



Com quantas pessoas mora?

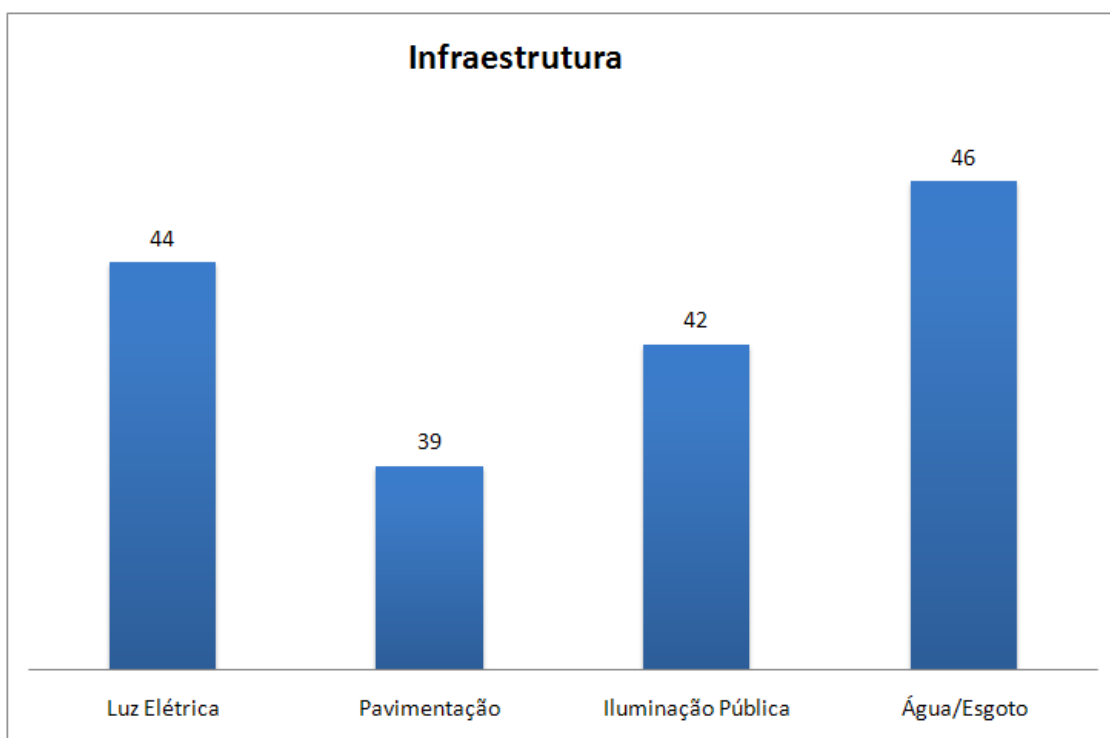
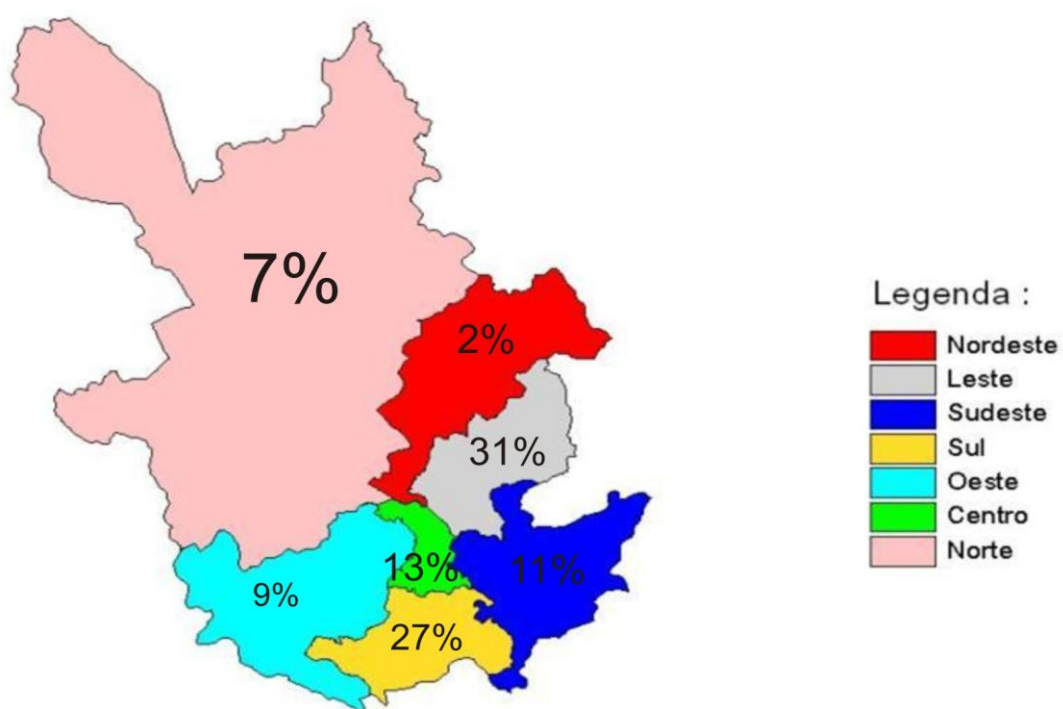


Perfil socioeconômico das famílias

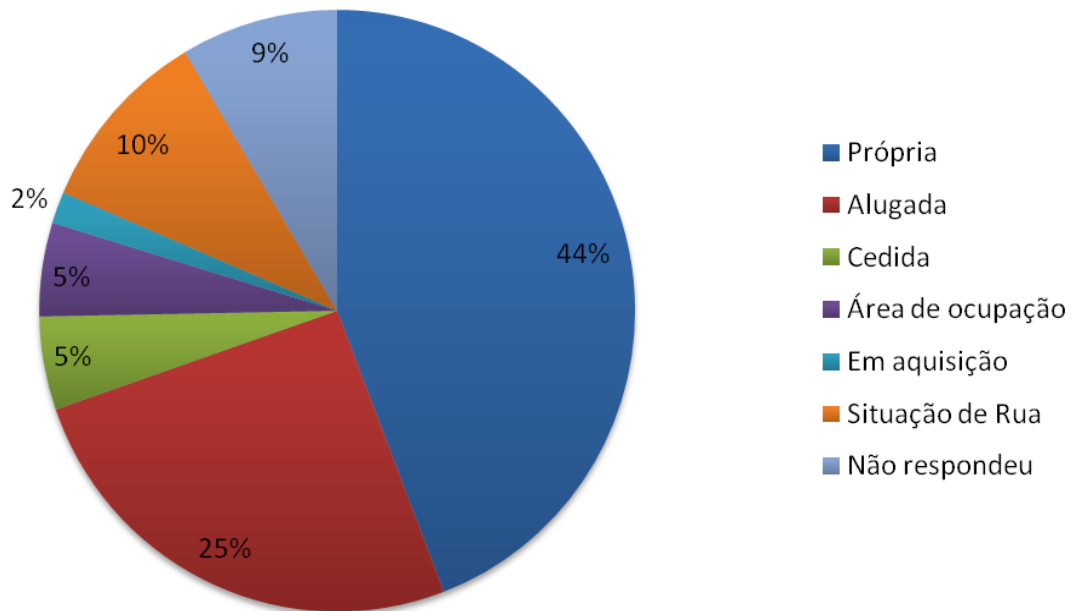


SITUAÇÃO DE MORADIA

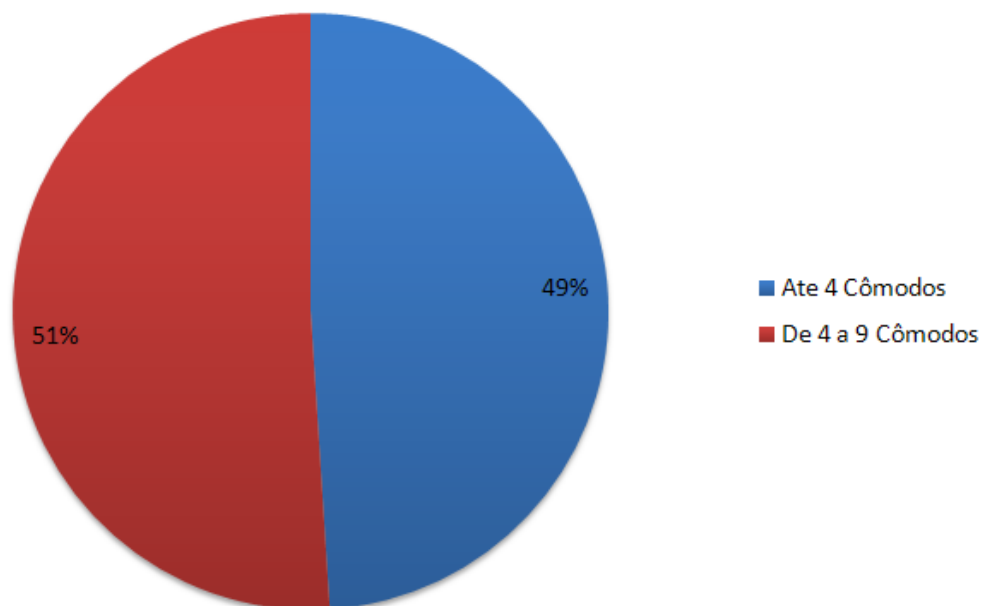
Locais de moradia dos flanelinhas por região administrativa



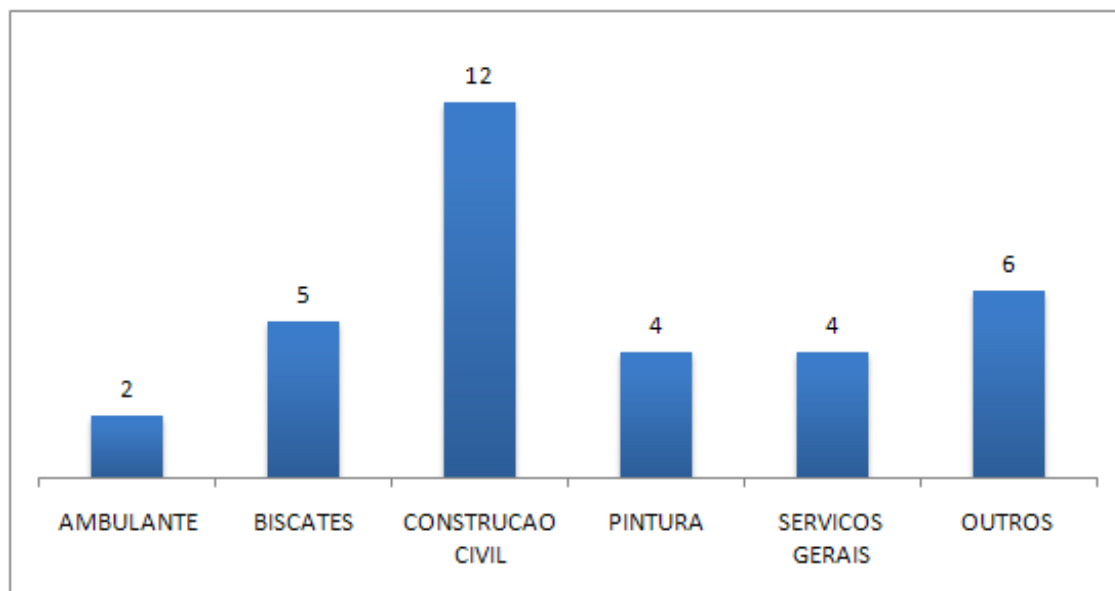
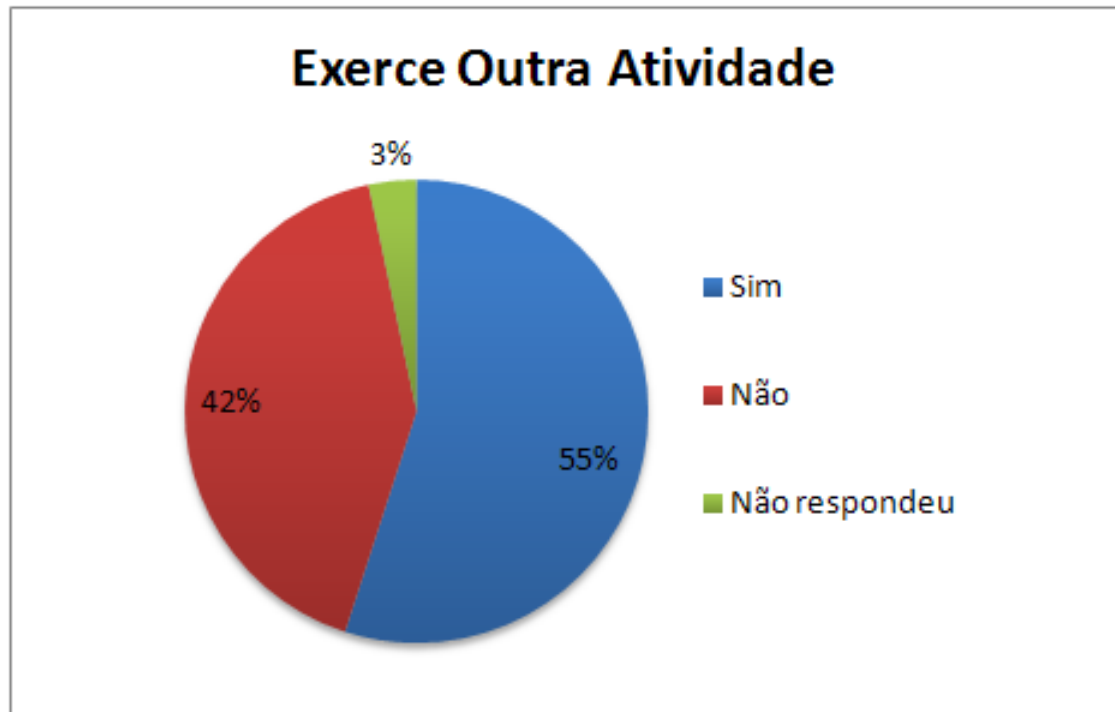
Situação da moradia



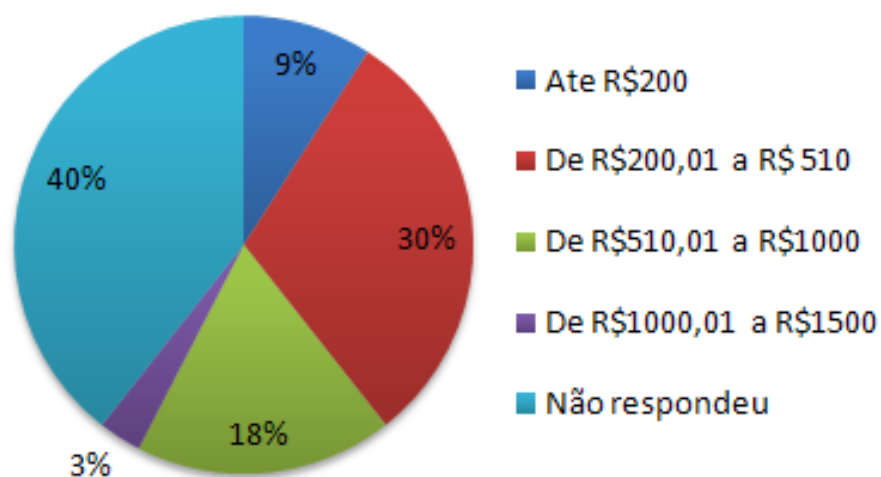
Relação de Cômodos por Moradia



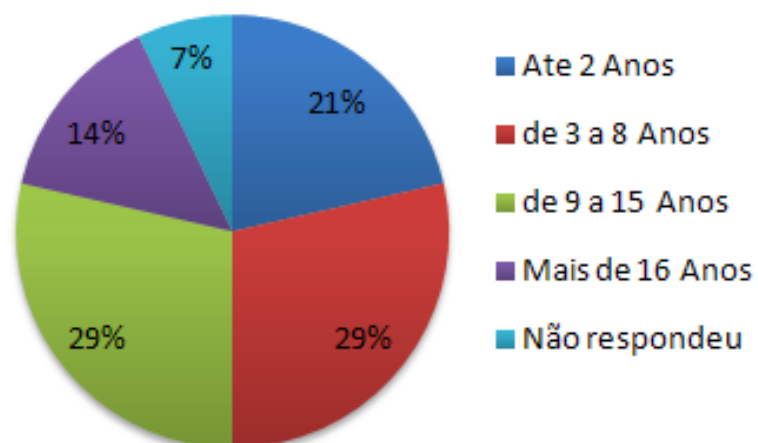
ATIVIDADE LABORAL



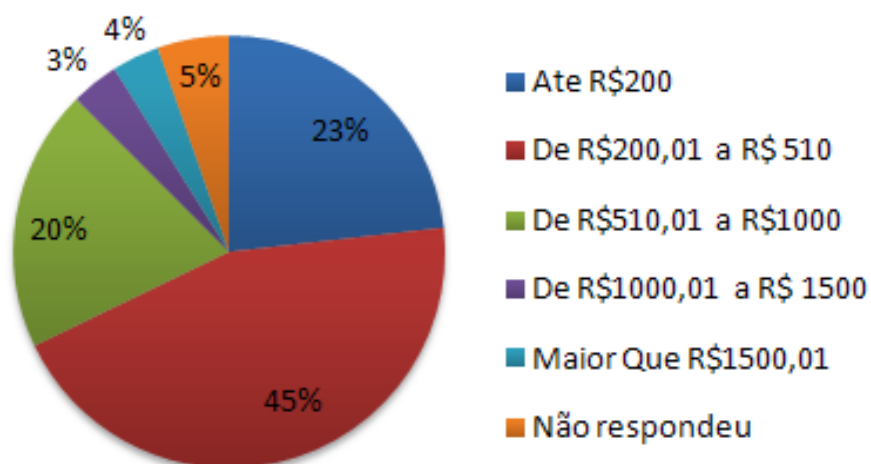
Renda Mensal



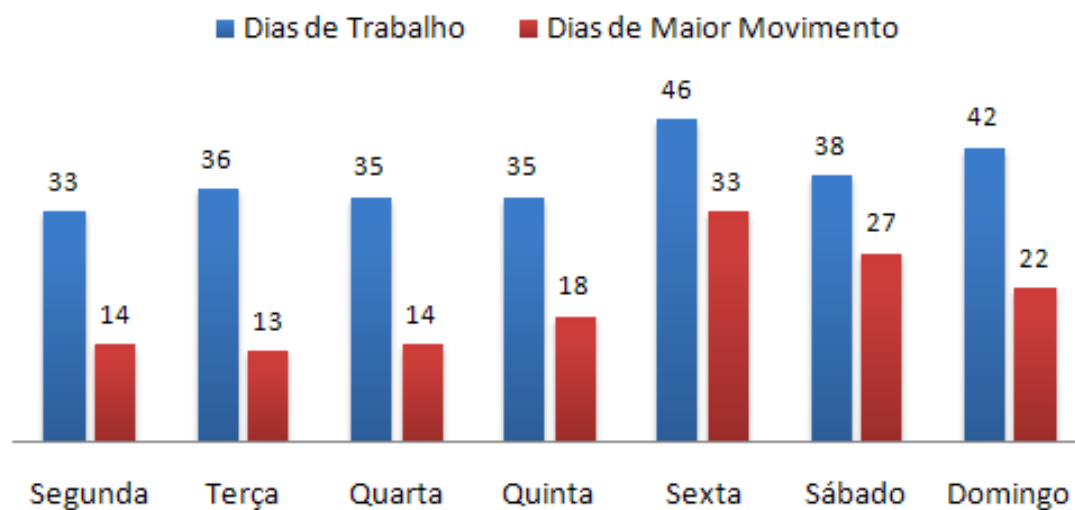
Tempo de Trabalho Como Flanelinha



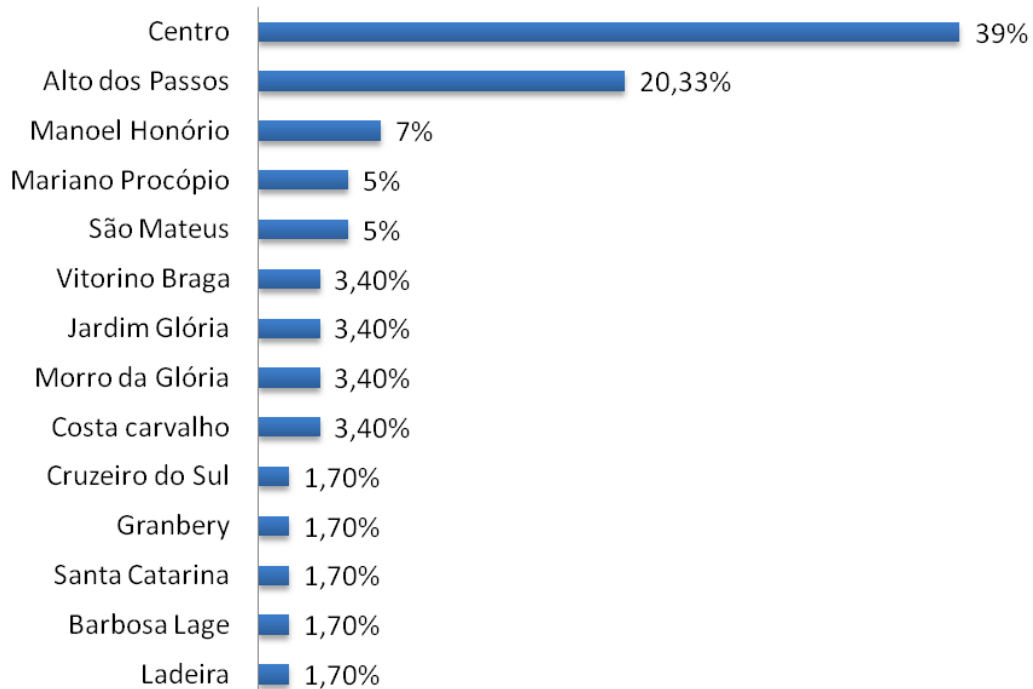
Renda de "Flanelinha"



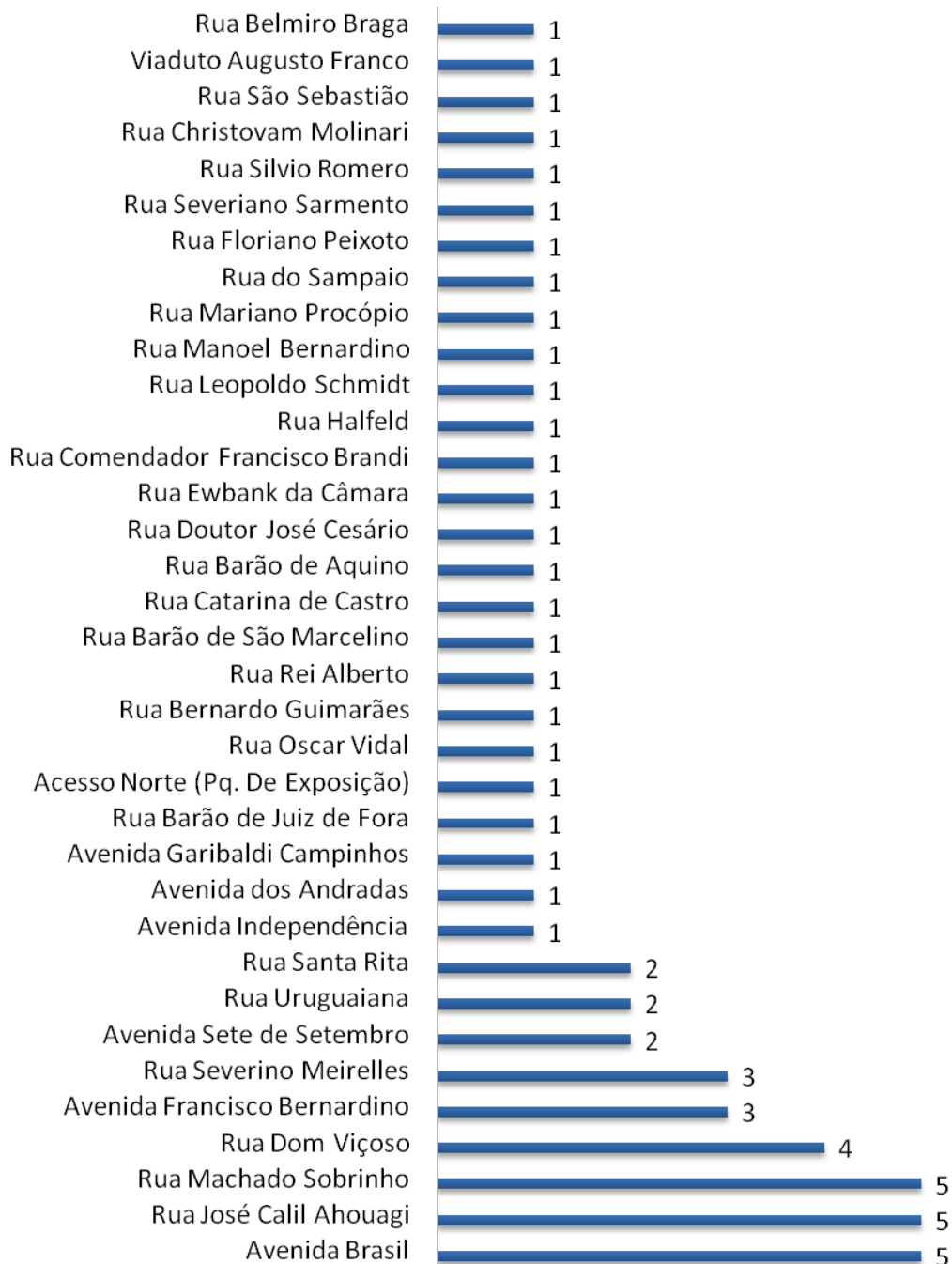
Periodo de Trabalho



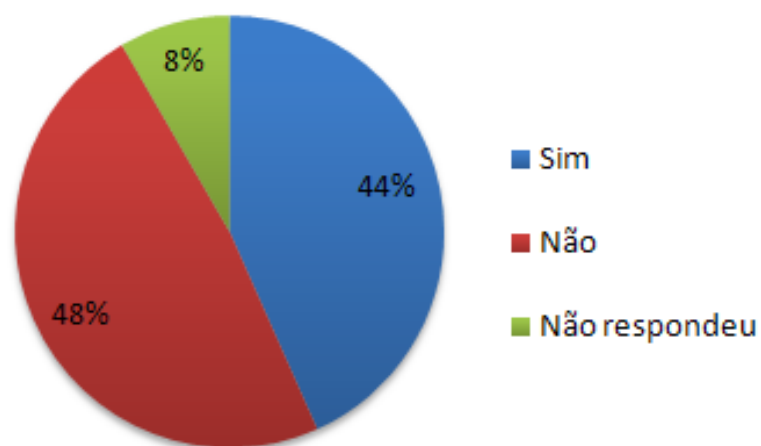
Bairros onde realizam a sua atividade



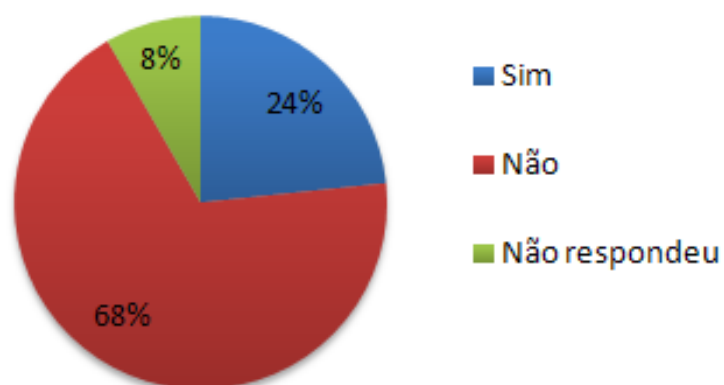
Ruas onde os flanelinhas realizam a atividade



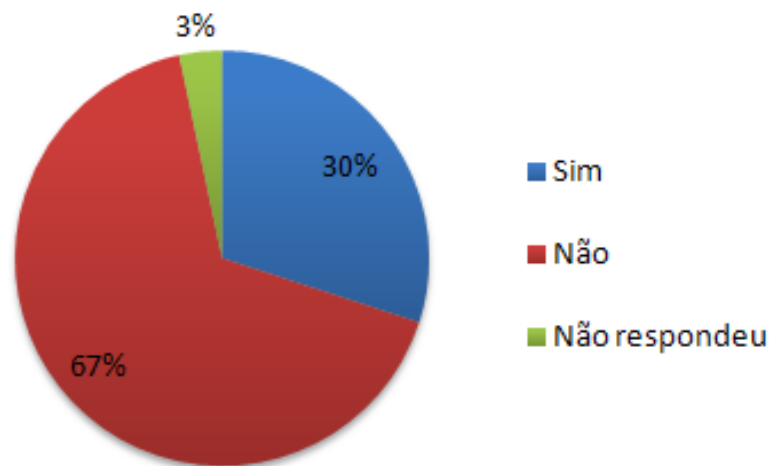
Condições de Trabalho na Rua



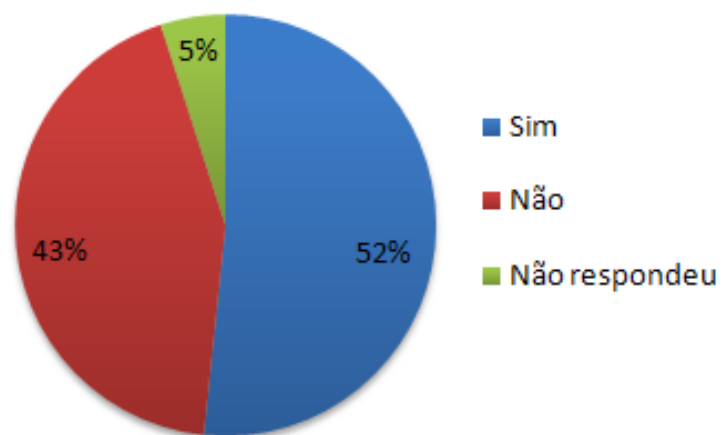
Dificuldades no Trabalho de Flanelinha



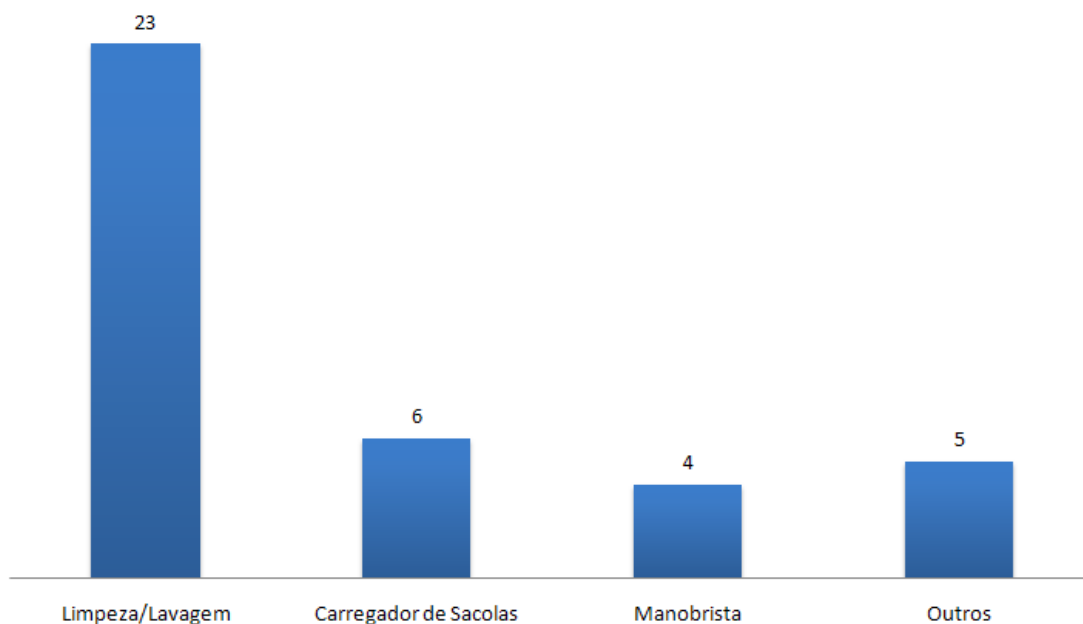
Resistência Por Parte dos Clientes



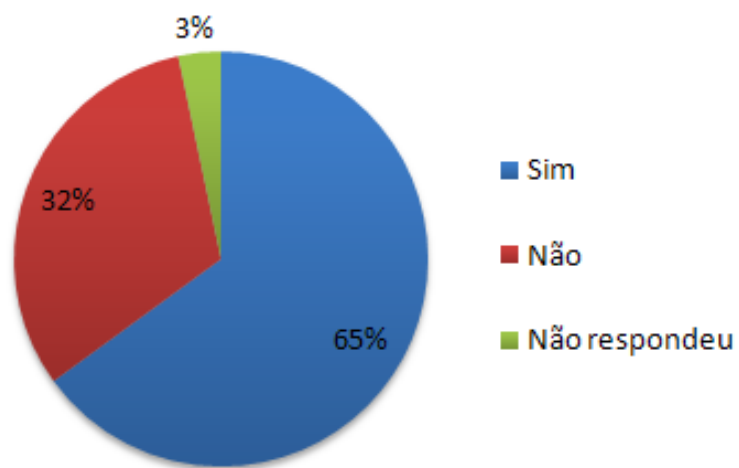
Oferece Serviços Extras?

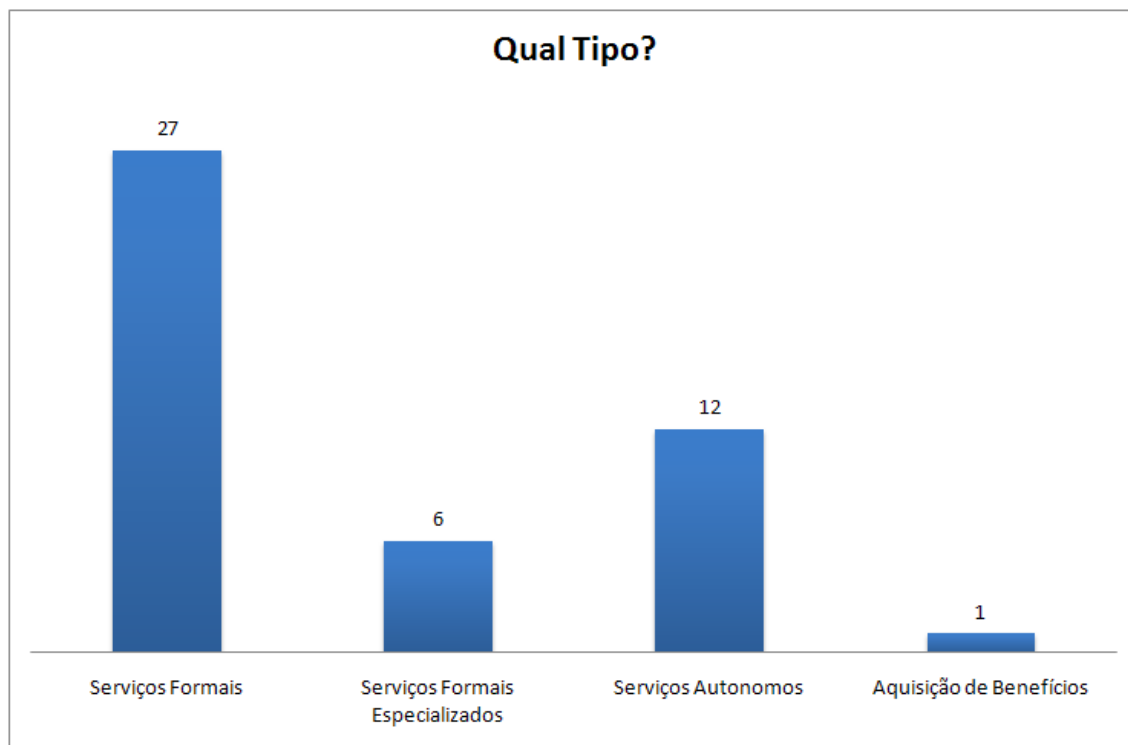


Serviços Extras



Gostaria de Mudar de Atividade?





CONSIDERAÇÕES

A partir da coleta de dados podemos constatar a seguinte realidade quanto ao perfil do flanelinha na cidade de Juiz de Fora :

- 49% se encontram com idade entre 19 e 30 anos;
- 63,3% são de Juiz de Fora e 35% de outras cidades;
- 93,3% são homens;
- 91% são compostos de pardos e negros.
- 65,5% não possuem o ensino fundamental completo;
- 71% a 83% apresentam os seguintes documentos: CPF, RG, carteira de trabalho e título de eleitor;
- 80% são solteiros
- 21,6% a 38,3% possuem experiência profissional nas áreas de construção civil e vendas;
- 80% não possuem nenhum benefício;
- 65% vive com a família;
- 64% recebem acima de R\$510,00;
- 81,6% possuem residência fixa;
- 44% possuem moradia própria;
- 80 % almoçam e jantam;
- 53% não fazem uso de bebida alcoólica;
- 87% responderem que não fazem uso de entorpecente;
- 55% exercem outra atividade além de flanelinha;
- 43% exerce a atividade de flanelinha a mais de 9 anos;
- 67% encontra resistência por parte dos clientes;
- 70% a 76,7% trabalham de sexta a domingo;
- 55% apontam a sexta-feira como o dia de maior movimento;
- 52% oferecem serviços extras aos clientes;
- 65% gostariam de mudar de atividade.